

## POESIA INÉDITA DO BRASILEIRO

### JOÃO MENDES DA SILVA

*Francisco Topa*

Já uma vez me referi a João Mendes da Silva – pai de António José da Silva, *O Judeu* –, a propósito de um texto inédito seu que explicava um soneto enigmático erradamente atribuído a Gregório de Matos<sup>1</sup>. Tive entretanto oportunidade de encontrar novos elementos sobre este ignorado autor brasileiro, de que agora farei uma primeira apresentação.

Apesar da escassez de alusões ao seu nome e à sua obra, não se trata de um autor completamente desconhecido. A ele se refere Barbosa Machado<sup>2</sup>, que o dá como «dos mais insignes Poetas do seu tempo, como testemunhão as suas metrificações suaves, cadentes e conceituosas». Segundo o bibliógrafo, João Mendes da Silva seria autor de quatro poemas, todos inéditos: o poema lírico *Christiados. Vida de Christo Senhor nosso*; as traduções em verso *Officio da Cruz de Christo* e

---

<sup>1</sup> *Edição Crítica da Obra Poética de Gregório de Matos – Vol. II: Edição dos Sonetos – Anexo: Sonetos Excluídos*, Porto, Edição do Autor, 1999, p. 164.

<sup>2</sup> *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. Por Diogo Barbosa Machado, Ulyssiponense, Abbade Reservatario da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real*, tomo IV, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, p. 168.

*Hymno de Santa Barbara*; e o poema em oitava rima *Fabula de Ero, e Leandro*. Quanto à sua vida, Machado diz apenas que era natural do Rio de Janeiro, que se formou em Cânones, que foi advogado da Casa da Suplicação e que morreu em Lisboa, a 9 de Janeiro de 1736.

Inocêncio Francisco da Silva<sup>3</sup> acrescentaria que João Mendes da Silva terá morrido com 80 anos, o que situaria o seu nascimento em 1656. Relativamente à sua obra, Inocêncio<sup>4</sup> coloca a hipótese de o primeiro dos poemas citados por Barbosa Machado ter sido impresso, embora sob o nome de outro autor. Trata-se de *Christiados, ou Vida de Christo Senhor Nosso. Poema sacro dividido em tres cantos, offerecido ao Senhor Dom Joam Filho do Serenissimo Infante de Portugal o Senhor D. Francisco por Fernando Joaquim de Souza*, Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, 1754. Quatro razões fundamentam esta hipótese: a semelhança do título; o autor mencionado na folha de rosto é completamente desconhecido dos bibliógrafos; nas licenças diz-se que a obra foi composta por André Lousado Seixá e Barros, personalidade também inteiramente desconhecida; do parecer do censor Filipe José da Gama infere-se que o autor já teria falecido.

Mais recentemente, a questão seria retomada por Rubens Borba de Moraes<sup>5</sup>, que se pronuncia no mesmo sentido de Inocêncio, com novos argumentos. Observa o bibliógrafo brasileiro que Filipe José da Gama se refere na sua censura à obra «que pretende imprimir André Louzado Seyxa, e Barros», afirmação que reforça a hipótese de o autor ser outro, tanto mais que «João Mendes da Silva era cristão nôvo, sua família foi quase tôda processada e alguns membros exterminados pela Inquisição. Seria talvez essa a explicação de seu poema ter sido publicado com

---

<sup>3</sup> *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 421.

<sup>4</sup> *Ibid.*, vol. II, 1859, pp. 273-274.

<sup>5</sup> *Bibliografia Brasileira do Período Colonial. Catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da U.S.P., 1969, pp. 363-365.

pseudônimo» (p. 364). Quanto à biografia, Borba de Moraes acrescenta que João Mendes da Silva se formou na Universidade de Coimbra, entre 1685 e 1691.

Para além da provável autoria de *Christiados*, o nosso poeta publicou pelo menos um soneto – não mencionado pelos bibliógrafos –, incluído no prólogo do seguinte sermão de Francisco de Matos: *Sermam do Grande Patriarcha Santo Elias que compoz o M. R. P. M. Francisco de Mattos, da Companhia de Jesu, Sendo Reitor do Collegio do Rio de Janeyro no anno de 1698. E por se ausentar para a Bahia no mesmo anno, eleyto Provincial do Brasil, não o pode prègar, & o offerece escrito ao M. R. P. apresentado Fr. Antonio das Chagas, Prior do Carmo do Rio de Janeyro, que o mandou imprimir*, Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1698. Segundo Inocêncio<sup>6</sup>, o jesuíta Francisco de Matos viveu entre 1636 e 1720. Natural de Lisboa, foi Reitor do colégio do Rio de Janeiro, Provincial e Reitor do colégio da Baía, onde viria a falecer. O soneto<sup>7</sup> de João Mendes da Silva não parece oferecer particulares motivos de interesse:

Prólogo ao Leitor

Neste raro Sermão, Leitor curioso,  
Verás, se o leres, com discreto aviso,  
Formado um elegante Paraíso  
Dos conceitos de Matos engenhoso.

Aqui todo o discurso duvidoso,  
Não sabendo o que louve, está indeciso,

---

<sup>6</sup> *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 7.

<sup>7</sup> A edição dos poemas do autor apresentados neste artigo será feita de acordo com o modelo que tenho vindo a seguir para a publicação de textos deste período. Ver nomeadamente *Edição Crítica da Obra Poética de Gregório de Matos – Vol. II: Edição dos Sonetos*, Porto, Edição do Autor, 1999.

Se a elegância das flores do juízo,  
Se os frutos que produz conceituoso.

Nele verás com glória repetida  
(Quando de Elias vivo a preeminência  
Se vê do insigne Matos aplaudida)

Duas árvores grandes na excelência:  
A Elias vivo, árvore da vida,  
Ao douto Matos, árvore da ciência.

Para além deste, descobri um total de 13 poemas inéditos, recolhidos em duas miscelâneas manuscritas da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

A primeira, sem título, é o Ms. 1396 em cujos f. 92r-94r se encontra o romance começado pelo verso «Conde de Monsanto excelso».

A segunda é o Ms. 1397, que apresenta o seguinte título: «Obras varias,/ e dignas de se perpetuarem/ na memoria/ Dos Coriozos, ou pello grave, ou/ pello serio, ou pello burlesco, e/ jocozo/ Para na sua reflexão, e enten=/ dimento profundar no grave/ e se recriar no serio,/ e se divertir e ale/ grar no brullesco,/ e jocozo». Eis a lista dos 12 poemas aí atribuídos a João Mendes da Silva:

- Hoje amor me persuade (1r-2v) – Décimas
- Bella Filis, com quem vejo (2v-3v) – Romance
- Se he o melhor favor que importa (3v-4v) – Décimas
- Detente, Ave inimiga (4v-6r) – Romance
- Porq. tão penozo estais? (6v-7v) – Glosa
- Olhos, que com luzes bellas (20r-20v) – Glosa
- Não cuideis que he amor fino (20v-21v) – Glosa
- Dizervos quizera Anarda (21v-22v) – Glosa
- Disparado del Barbaro Agareno (232v) – Soneto

- Das estrellas se os nitidos fulglores (233r) – Soneto
- Este, que admiro metrico thezoro (233v) – Soneto
- Do Português Virgilio a sublimada (234r) – Soneto

Antes de passar à edição, importa fazer um breve comentário sobre os textos. Note-se, antes de mais, a diversidade formal: quatro glosas em décimas espine-las de redondilha maior mais dois poemas em décimas do mesmo tipo; quatro sonetos, dois dos quais em castelhano; três romances, um deles combinando hexassílabos com um decassílabo final. Variados são também os registos em que o poeta se exprime: do encomiástico ao burlesco, passando pelo elegíaco e pelo lirismo amoroso. É possível notar igualmente alguma habilidade no manejo do verso, sobretudo nas glosas. Mas, perante estes poemas agora recuperados – uma parcela pequena e talvez pouco significativa do conjunto da sua obra –, não pode deixar de reconhecer-se que, pelo menos para já, João Mendes da Silva é apenas mais um poeta menor do barroco luso-brasileiro, que continuará a ser conhecido apenas como pai de António José da Silva.

1. Romance *Conde de Monsanto excelso*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1396, f. 92r-94r

Ao Excelentíssimo Senhor Conde de Monsanto, fazendo sete anos

Romance

Conde de Monsanto excelso,  
Cujas prendas, cujas partes,  
Estampa o buril do tempo  
Em ouro, em bronze e em jaspe;

5 De cuja estirpe excelente,  
Por singular e admirável,  
Posto que sois ramo ilustre,  
Tendes de flor propriedades;

Hoje o vosso natalício  
10 Harmoniosamente aplaudem  
A Fama com bocas de ouro,  
As Musas com cantos suaves.

Mas já vêm a Fama e as Musas

---

Leg. Conde de Monsanto – Provavelmente o 9.º, D. Fernando de Noronha (7/10/1667 – 13/12/1772),  
que se destacaria como Capitão de Infantaria na Guerra da Sucessão de Espanha.

15      Que aplaudi-lo não é fácil,  
Por mais que a Fama o publique,  
Por mais que as Musas o cantem.

20      Um lustro e dous anos hoje,  
Que constituem vossa idade,  
Vos aumentam durações,  
Vos acrescentam quilates.

Sete os anos são e sete  
Os planetas luminares,  
Que infundindo-vos grandezas,  
Vos constituem admirável;

25      Pois alegres vos influem  
Apolo luzes brilhantes,  
Mercúrio ciências insignes,  
Valor destemido Marte;

30      De esmaltes a Lua enchentes,  
Saturno prudência grande,  
Sublime espírito Jove,  
Vénus especiosidades.

35      Mas como cada um convosco,  
Excelso Conde, reparte  
As que os ilustram gloriosas

Celestes propriedades;

É certo sois mais que os sete,  
Pois em só vós juntas cabem  
As que neles repartidas  
40 Se admiram sublimadas.

Os sete sábios de Grécia,  
Se hoje na Europa se achassem,  
Vossos sete anos gloriosos  
Louvariam elegantes.

45 Aqueles milagres sete  
Que aplaudiu a Antiguidade  
Destes sete anos à vista  
Já deixam de ser milagres;

Pois cada ano vosso, ó Conde,  
50 Encerra muitos milagres,  
De prodígios estupendos,  
De admirações veneráveis.

Já ninguém duvidar pode  
Que em vós felizmente cabem  
55 Mil séculos de prudência  
Em poucos anos de idade;

Pois tão capaz vos admiram

Por vossa prudência grande  
Que de envergonhadas fogem  
60 De vós as puerilidades.

A natureza ao nascer[d]es  
Em vós quis antecipar-se,  
Pois com pressa vos deu prendas  
Quando aos outros com vagares.

65 De valor e galhardia  
Tendes com glória admirável  
Já nas possessões de Adónis  
As esperanças de Marte.

Quem há que vos não venere  
70 Por prendas tão relevantes,  
Vendo que esse afável génio  
Vos não facilita o grave?

Porém, soberano Conde,  
Não é muito de admirar-se  
75 Que tão singular saísses,  
Tendo ilustres exemplares;

Pois se tais progenitores  
Tendes, que muito realcem  
Em vós dotes peregrinos,  
80 Que prodigioso vos fazem?

E assim convosco os Heróis  
Mais insignes, mais notáveis,  
Que são, que serão, que foram,  
Vos tributem vassalagem.

85 Da Fama as cem bocas digam  
De vosso talento o grande,  
Porque fique a inveja muda  
E o pasmo calado fale.

E pois sois Fénis dos Condes  
90 Por prendas tão singulares,  
Vivereis ditosamente  
Também da Fénis a idade.

2. Décimas *Hoje amor me persuade*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 1r-2v

A certa Senhora, por nome Teodora, que fazia vinte e três anos em dia da conversão de S. Paulo e tinha por sinal casar duas vezes; e um seu certo amante lhe dizia por graça que lhe tinha preparado uma casa no Hospital

Décimas

Hoje amor me persuade  
Que, com medos soberanos,  
Teodora, festeje os anos  
Floridos da vossa idade;  
5 Porém sendo vós deidade,  
Sol por bela, flor sem par,  
Me quero desenganar,  
Que é certo todo o louvor  
Dos anos de um sol que é flor,  
10 Belo sol, flor singular.

De vinte e três anos dia  
É hoje, mas mil conteis,  
Para que assim nos causeis  
Com tais anos alegria.  
15 Essa vossa galhardia,  
Que é centro da fermosura,

Apesar da Parca dura,  
Brilhe com claro arrebol,  
Com dita humana do sol,  
20 Vivente flor com ventura.

Mas se em vós, minha Teodora,  
Desse rosto nos fulgores,  
Vejo do sol resplandores,  
Admiro luzes de aurora;  
25 Sendo vós própria, Senhora,  
Bela Aurora, Sol preclaro,  
A vós, flor, por modo raro,  
Dai-vos como Aurora alentos  
E fazeis, Sol com portentos,  
30 Ser este dia o mais claro.

O sol em luzir se esmera  
Com prodígios soberanos  
E por festejar tais anos,  
Fez do Inverno Primavera;  
35 E assim com razão altera  
Nesta luzida fineza  
A ordem da natureza,  
Dizendo-vos com luz pura  
Que ele é do Céu fermosura  
40 E vós da terra a beleza.

No dia da conversão

Do grande Doutor das gentes,  
Se converte em excelentes  
Flores do Inverno a estação.  
45 Hoje é tudo admiração,  
Pois vemos que com primor  
Lograis com dita maior  
Nessa beleza luzida  
Muitos anos de entendida  
50 Em pouca idade de flor.

Mas que importa flor sejais,  
Se essa beleza divina  
Dá, porque o fado o destina,  
De matrimónio sinais?  
55 Bem que a vida eternizais  
Nessas de viver cautelas,  
Pois se verão flores belas  
Na ilustre posteridade,  
Segurando a vossa idade  
60 Nas flores da terra Estrelas.

Porém se casar[d]es, digo  
Que será grande loucura  
E que à vossa fermosura  
Receio um grande perigo;  
65 Porque se casais me obrigo,  
Para curar-vos o mal,  
Dar-vos remédio fatal

- (Não vos cause admiração),  
Pois vos tenho de antemão  
70 Uma casa no Hospital.
- Mas crede zombo, Teodora,  
Pois não é razão se meta  
Uma moça tão discreta  
Adonde a loucura mora;  
75 E assim sossegai, Senhora,  
Pois desse juízo o portento  
(Segundo o meu pensamento)  
Como todo o mundo admira,  
Podeis vender sem mentira  
80 A todos entendimento.
- E assim qual Águia entendida  
E qual Fénis singular,  
Vivei, Mana, sem desar  
Águia de Fénis a vida.  
85 Vivei, e sempre luzida  
Em repetidos albores,  
Melhor Sol com resplandores,  
Todo o mundo alegre veja  
Que ao mesmo Sol sois inveja,  
90 Dando bela alento às flores.

---

76. A métrica impõe a sinérese em *juízo*.

3. Romance *Bela Fílis, com quem vejo*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 2v-3v

À queda de uma dama

Romance

Bela Fílis, com quem vejo  
O mesmo sol competir,  
Pois sois mais bela que o sol,  
Porque mais que ele luzis;

5      Inda agora estou, meus olhos,  
De pena fora de mim,  
Do sobressalto que tive  
Quando vos eu vi cair.

10     Quis acudir-vos amante,  
E o não fiz, porque adverti  
Que tomar o Céu com as mãos  
Me era impossível a mim.

15     Quando caístes cuidei  
Chegava do mundo o fim,  
Vendo a meu pesar por terra  
Essas estrelas cair.

As estrelas, digo, Fílis,  
Desses olhos, mas menti,  
Porque mais que estrelas são  
20 Brilhantes sóis no luzir.

Quando caístes, meus olhos,  
Bem que penoso, feliz  
Ficara se nos meus braços  
Vira esse corpo gentil.

25 Não receara abrasar-me  
Com tantas luzes assim,  
Pois mais vorazes incêndios  
De amor tenho dentro em mim.

Não caístes de madura,  
30 Por não ser fruta, mas sim  
Como flor a quem ofende  
A tarde, para eu sentir.

Mas como na Primavera  
Sempre cai o alegre Abril,  
35 Sendo vós Abril com alma  
Também no Verão caís.

Por levantar não sei quê  
Caístes, e assim não vi

Cair para levantar,  
40 Mas por levantar cair.

Tendes queda para tudo,  
Porém sabeis, meu jasmim,  
Que ter queda para as quedas  
Penosamente senti.

45 Ao cair[d]es admirado  
Muito fiquei, porque vi  
Que, tendo mão para tudo,  
Tenhais pé para cair.

Mas já me desdigo, pois  
50 Entendo não foi assim,  
Que por faltar-vos os pés  
Caístes, meu Serafim.

Como caístes não sei,  
Porém só sei que ao cair,  
55 O meu coração aos pés  
Que me caiu também vi.

Também outra queda destes  
E foi que ao ver-vos gentil  
Me caístes logo em graça,  
60 De que tenho gostos mil.

Como em graça me caístes,  
Eu seria mais feliz  
Se me vira (oh, quem me dera)  
Em vossa graça cair.

4. Décimas *Se é o melhor favor, que importa*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 3v-4v

A uma Senhora que esguichou a um seu amante com água de /\*cordeva/

Décimas

Se é o melhor favor, que importa  
Se me faz vosso capricho  
Ficar magano de esguicho  
Ou por molhado Inês-de-horta?  
5 Inda assim minha alma absorta  
Desse esguichar os primores  
Não julgou por desfavores,  
Pois vindo águas tão amenas  
De vossas mãos de açucenas,  
10 Como não serão favores?  
  
Meu coração não ignora,  
Sem que seja desvario,  
Que foi essa água rocio  
Que vertestes como Aurora;  
15 Se é que já não foi, Senhora,  
Que por ter[d]es de mim mágoa  
Por me ver morrer na frágua  
Dessas luzes, pois seus raios

Já me causavam desmaios,  
20 Me socorrestes com água.

Inda assim, Fílis, vos peço  
Me esguicheis quando quiser[d]es,  
Porque me causais prazeres  
Em que gostos interesse;  
25 Que como vos reconheço  
Sol e Aurora, não cesseis  
De esguichar-me, pois sabeis,  
Quando vós mais me esguichais,  
Que se Aurora me molhais,  
30 Como Sol me enxugareis.

5. Romance *Detém-te, Ave inimiga*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 4v-6r

Queixas sentidas que faz um coração igualmente régio e saudoso contra o Navio Ave Fénis, em que foi desta Corte para a do Império o Sereníssimo Senhor Infante D. Manuel

Romance hendecassílabo

Detém-te, Ave inimiga;  
Tirana Fénis, pára  
A ouvir de uma alma as queixas,  
Pois toda em queixas se desfaz esta alma.

5           Suspende o veloz curso,  
              De linho encolhe as asas;  
              Mas, por não ser de penas,  
Fénis cruel, às minhas não te abrandas.

              Não, porque choro, fujas  
10           De ouvir as minhas mágoas,

---

Leg. Infante D. Manuel – Provavelmente D. Manuel Bartolomeu (1697-1766), filho de D. Pedro II e de D. Sofia de Neuburgo, irmão de D. João V. A 4 de Novembro de 1715, sem consentimento do irmão, embarcou em segredo para a Holanda. Durante quase 20 anos, percorreu as grandes capitais, destacando-se por feitos de guerra nos Balcãs e convivendo com figuras importantes da cultura europeia.

Que se o cantar suspende,  
Também é certo que o chorar encanta.

Se ao impulso veemente  
De meus gemidos e ânsias  
15        Todo o ar se perturba,  
O mar se encrespa, o vento se desata;

Como tu, cruel Ave,  
Como tu, Fénis rara,  
Não te moves sentida,  
20        Pois vejo que movendo-te não paras?

Tu, suposto que Fénis,  
Delfim também te aclamas,  
Pois, ou nades ou voes,  
Delfim dos ventos és, Fénis das águas.

25        Se a música sonora  
O veloz curso embarga  
Dos Delfins, que ligeiros  
Rompem cerúleos páramos de prata;

Se Fénis não me atendes,  
30        A ouvir-me Delfim pára,  
Que ânsias bem repetidas  
Podem também da dor ser consonância.

Porém de que me ouças  
Já não tenho esperanças,  
35 Pois por águas e ventos  
Voas veloz Delfim, se Fénis nadas.

Como também de Fénis  
Te transformaste em Águia  
Para roubar os raios  
40 Do Planeta gentil da Lusitânia;

Como pirata agora  
De Ulíssia te afastas,  
Que o temor com que corres  
Deu-me penas a mim, quando a ti asas.

45 Agora mais que nunca  
Ave do Sol te chamas,  
Pois o teu peito ilustra  
Ulisses Sol de luzes soberanas.

Se às águas te entregaste,  
50 Sendo tua pira as chamas,  
Porque as águas mitiguem  
O activo ardor do fogo em que te abrasas;

Fénis da água ou do fogo,  
Ou navegues ou ardas,  
55 Tens em meu peito e olhos,

No peito incêndios, se nos olhos águas.

Se as lágrimas que choro  
Pere[ne]mente amargas,  
Rios ao mar correndo,  
60 Pagam tributo em pérolas galhardas;

Essas que surcas ondas,  
Esse zafir que escarchas,  
Do que peno sentida  
Núncios serão em mudas elegâncias.

65 Se me deu só dous olhos  
A natureza avara,  
Como meus olhos podem,  
Sendo só dous, chorar milhares de ânsias?

Lá me levas contigo  
70 A metade desta alma;  
De mim te compadece:  
Ou leva toda ou dá-me a que me falta.

Porém, se por sentida  
Minha dor não te abranda,  
75 Viva eu sempre penosa,  
Se é que pode viver-se do que mata.

---

62. zafir – Variante de *safir*; o mesmo que *safira*.

E nesta ausência triste,  
Amante e magoada  
Ficarei sendo ao mundo  
80 Padrão de um fino amor, da dor estátua.

6. Glosa *Por que tão penoso estais?*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 6v-7v

Mote

*Minha dama ainda que  
Busca a outro, ainda assim  
Me busca; mas ela se  
Eu a busco, é só porque  
Ela só me busca a mim.*

Glosa

Por que tão penoso estais?  
Vossos pesares dizei.  
Que hei-de dizer, se não sei  
O motivo de meus ais?  
5 Quem vos causa extremos tais?  
Minha dama ingrata é  
Por certo que, e até  
Que me diga hei-de penar,  
Pois me não quer declarar,  
10 *Minha dama ainda que...*

Porém, já que estamos sós,  
Sabei que quero entender

Que este quê é por querer  
A outro, aqui para nós.  
15 Isso em tais penas vos pôs?  
Pois não, se este Serafim,  
Se a busco, foge de mim?  
E ainda com firme fé  
Lhe quereis, sabendo que  
20 *Busca a outro? Ainda assim.*

Dizei-me: Pois ela é tal  
Que vendo a amais a ela só  
Da vossa dor não tem dó?  
Não se lhe dá do meu mal.  
25 {A}inda assim lhe sois leal?  
Sim, sou; e porque ela o vê,  
Fingindo que me ama, me  
Busca algumas vezes; mas  
Acabai: Pois por que o faz?  
30 *Me busca, mas ela se...*

Acabai de declarar  
O por que tanto gemeis,  
Que fazeis mal se escondeis  
O porquê desse pesar.  
35 Eu vos não posso explicar  
Esse porquê; porque se

---

25. A métrica torna a aférese obrigatória.

Ela o sabe, busco pé  
Para sabê-lo, e assim  
Se {a}inda sendo contra mim,  
40 *Eu a busco, é só porque...*

Mas ela, enfim, porque tem  
Conhecido o meu amor,  
Depondo tanto rigor,  
Confessa que me quer bem;  
45 E mostrando aos mais desdém,  
Me jura amar-me sem fim,  
E com tal fineza assim  
Me corresponde que eu cá  
Tenho para mim que já  
50 *Ela só me busca a mim.*

---

39. A aférese é imposta pela métrica.

7. Glosa *Olhos que com luzes belas*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 20r-20v

Mote

*Olhos pretos matadores  
Do gentio de Guiné;  
De Guiné porque sois pretos,  
Gentios na pouca fé.*

Glosa

Olhos que com luzes belas,  
Bem que negras, brilhais tanto  
Que sois das almas encanto  
E emulação das Estrelas;  
5 Para que usais de cautelas  
Para matar de rigores?  
Já que vossos resplandores  
Alentam meu coração,  
Sede benignos, e não  
10 *Olhos pretos matadores.*

As vossas duas meninas,  
Com que engraçados matais,  
Não são negrinhos boçais,  
Porque são muito ladinas.

15 E por serem peregrinas  
Como por faltas de fé,  
Regularmente se crê  
(Bem que isso me desconsola)  
Que são negrinhos de Angola,  
20 *Do gentio de Guiné.*

Por pretos diz muita gente  
Que sois da abrasada zona;  
Mas não sois, pois vos abona  
Vosso resplendor luzente.  
25 Mente pois, mil vezes mente,  
Quem com labéus indiscretos,  
Sendo vós do amor objectos,  
Por de Guiné vos infama,  
E assim mente quem vos chama  
30 *De Guiné porque sois pretos.*

Que importa com resplandores  
Brilheis tanto, se inconstantes,  
Entre luzes tão brilhantes,  
Ocultais desdens traidores?  
35 Pois com luzidos rigores  
Me maltratais, quem não crê,  
Sem que eu causa alguma dê,  
Sois, como eu sempre supus,  
Se gentis na muita luz,  
40 *Gentios na pouca fé?*

8. Glosa *Não cuideis que é amor fino*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 20v-21v

Mote

*Se vós quereis que vos rogue,  
Nunca roguei a ninguém;  
Arrenego do amor  
Que a poder de rogos vem.*

Glosa

Não cuideis que é amor fino  
O amor que se quer rogado,  
Porque implica ser forçado,  
Sendo filho do destino.  
5 E assim, Fílis, determino,  
Porque em ânsias não me afogue,  
Que esse preceito derroque  
Vossa divina beleza,  
Porque amareis sem fineza,  
10 *Se vós quereis que vos rogue.*

O amor como é simpatia,  
Para arder em doce fogo  
Não necessita de rogo  
Nem se vence com porfia.

15 Quem roga em si não confia  
E em pouca conta se tem;  
E assim, por mais que o desdém  
Seja de algum Serafim,  
Para que me queira a mim,

20 *Nunca roguei a ninguém.*

Ver-se rogada uma Dama,  
Logo se faz mais divina,  
Cuidando que assim se afina  
De quem a procura a chama.

25 Mas se é certo que quem ama  
E exp'rimenta o rigor  
De um tirano desfavor  
Que se sente mais que a morte,  
Se o amor é dessa sorte,

30 *Arrenego do amor.*

Que importa que conquistada  
Uma tirana beleza  
Diga que ama com fineza,  
Se é depois de ser rogada?

35 E se o favor afectada  
Faz, disfarçando o desdém,  
Agradecer-lhe ninguém  
Deve o fingido favor,  
Pois não é amor o amor

40 *Que a poder de rogos vem.*

9. Glosa *Dizer-vos quisera, Anarda*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 21v-22v

Mote

*Entre a pena e o receio  
Com que vosso amor me trata,  
Uma esperança me alenta,  
Um desengano me mata.*

Glosa

Dizer-vos quisera, Anarda,  
Quanto o meu amor pertende,  
E uma pena me suspende,  
Se um receio me acobarda.  
5 Presa a língua, em falar tarda,  
E por não descobrir meio  
De explicar-me, neste enleio  
De amor, penando e sofrendo,  
Entendei que estou morrendo  
10 *Entre a pena e o receio.*

Explicar minha alma estuda  
A pena a que amor provoca;  
Mas que importa, se acho a boca  
Para falar sempre muda?

15      Porém nesta pena aguda  
         Com que o rigor me maltrata,  
         Compassiva e não ingrata,  
         Peço-vos que suspendais  
         Tantos rigores mortais  
20      *Com que vosso amor me trata.*

         Suposto que nada alcança  
         Meu amor no que procura,  
         De que posso ter ventura  
         Bem pode ter esperança.  
25      Pode ser que haja mudança  
         No desdém que me atormenta,  
         Pois quando o desdém se aumenta,  
         No rigor com que me trata,  
         Se uma ingrata me mata,  
30      *Uma esperança me alenta.*

         Porém para que confio,  
         Se desse desdém tirano  
         Reconheço um desengano  
         No costumado desvio?  
35      Da esperança desconfio  
         Que tinha de vós, ingrata,  
         E se tanto me maltrata  
         O rigor que me condena,  
         Quando um desdém me dá pena,  
40      *Um desengano me mata.*

10. Soneto *Disparado del Bárbaro Agareno*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 232v

Disparado del Bárbaro Agareno  
Áspid flejado o tósigo volante,  
Rompió nocivo, heriendo penetrante  
Del Augusto Monarca el regio seno.

5 Y porque el corazón de angustias lleno  
No ocupase el veneno ni un instante,  
Beber remedio sólo es importante  
La inficionada sangre del veneno.

10 De la muerte Isabel librar intenta  
Al consorte, y la sangre ya nociva  
Con los claveles dos bebe sedienta.

No muere, antes su aliento más se aviva;  
Que mucho, si a los dos una alma alienta,  
Que viviendo Eduardo, Isabel viva.

---

1.-14. O soneto parece referir-se a algum episódio da vida do imperador Carlos V (1500-1558) e da sua mulher D. Isabel (1503-1539), filha de D. Manuel I de Portugal.

2. tósigo – peçonha.

11. Soneto *Das estrelas se os nítidos fulgores*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 233r

A um religioso que saiu por Geral da sua Religião, não obstante ter muitos contrários que se lhe opuseram

Das estrelas se os nítidos fulgores  
Apesar brilham da estação escura;  
Se contra o sol algum vapor se apura,  
Luzem melhor do sol os resplandores;

5 Se com luzes brilhantes superiores  
Vence a lua do eclipse a sombra impura;  
Se dos espinhos triunfa a fermosura  
Da majestosa Imperatriz das flores;

Não é muito, Senhor, que hoje subido  
10 A esse sólio sagrado, o mundo veja  
Que vos beija a inveja a planta vitoriosa;

Pois vanceis com triunfo esclarecido  
A espinhos, vapor, noite, eclipse e inveja,  
Melhor que estrela, sol, que lua e rosa.

---

7. A métrica impõe a sinérese em *triunfa*.

11. Este verso tem 12 sílabas.

12. Soneto *Este que admiro métrico tesoro*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 233v

A uns Sonetos feitos pelo Excelentíssimo Conde de Vilar Maior, escritos por sua Filha, a Senhora D. Margarida Ana Armanda de Lorena

Este que admiro métrico tesoro,  
De quien, más que oro y perlas, son riqueza  
Rasgos, que emula la mayor destreza,  
Metros, envidia del noveno coro;

5 De ambos asombros reverente adoro  
(Aunque indigno es el culto a tal grandeza),  
De los rasgos la hermosa gentileza,  
De los metros lo dulce en lo canoro;

De aquesta pues epilogada suma  
10 De pluma y ingenio, en letras y concetos  
(Exentos de que el tiempo los consuma);

Diga el mundo, admirando estos portentos,  
Que es de Fénis, por única, la pluma,  
Por sublimes, de Apolo los acentos.

---

Leg. Conde de Vilar Maior – Manuel Teles da Silva (1682-1739), 3.º Marquês de Alegrete e 4.º Conde de Vilar Maior. Autor de diversos trabalhos sobre matemática e história, foi também latinista distinto, desempenhando o cargo de Secretário perpétuo da Academia Real da História.

13. Soneto *Do Português Virgílio a sublimada*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1397, f. 234r

À nova impressão que se fez das obras de Luís de Camões à custa de certo  
impressor

Do Português Virgílio a sublimada  
Insigne Musa em metros dividida,  
Das próprias cinzas hoje renascida,  
Por vós se aplaude agora venerada.

5        Porque o tempo voraz arruinada  
          Não fizesse a elegância esclarecida,  
          Do mundo à luz na estampa repetida  
          Vosso desvelo a expõe eternizada.

10       Se muito a Camões deve a gente Lusa,  
          Porque cantando lhe deu fama e glória  
          Sua sublime e inimitável Musa;

          Que ele a vós deve mais cousa é notória,  
          Pois este prelo, porque eterno luza,  
          Lhe erige em cada letra uma memória.